

MOSTRA PERFORMÁTICA “OS DONOS DA TERRA: UMA HISTÓRIA CONTADA”: EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR ENTRE LITERATURA ORAL E MÚSICA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE TRADIÇÃO INDÍGENA

Luciene Souza Santos, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Doutorado em Educação, lucienesantoz@gmail.com

Simone Marques Braga, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Doutorado em Música (Educação Musical), moninhabraga@gmail.com

Eixo Temático 1 – Literatura e outras artes

Resumo: Essa comunicação oral tem como objetivo apresentar uma experiência com a Literatura Oral que envolveu estudantes de Licenciaturas diversas e desenvolveu-se a partir da criação e implementação de uma Mostra Performática intitulada “Os donos da terra: uma história contada”. Trata-se do produto final da disciplina EDU 925 Formação de Contadores de Histórias, articulada entre professoras do Departamento de Educação e do Colegiado de Música. Este componente curricular tem como objetivo implementar os fundamentos da Arte de Contar Histórias (MATOS, 2005) e, introduzir conhecimentos básicos acerca da voz falada e cantada. Para isso, no semestre letivo 2017.1, tomou como mote o universo das Histórias Indígenas e o canto procedente de etnias indígenas diversas. A experiência interdisciplinar ainda contou com a colaboração de alabês oriundos de terreiros de candomblé que realizaram oficinas de toques e ritmos das festas de caboclos – intersecção entre as culturas indígenas e africanas nestes espaços - e ampliaram o repertório artístico e cultural dos estudantes. Buscou-se com essa experiência responder algumas inquietações: O que se aprende e o que se ensina quando se ouve e se narra histórias indígenas? E o que é possível aprender quando se canta e se escuta canções indígenas? Os estudantes fizeram uma escolha de repertório a partir dos recontos de LISPECTOR (2000), CASCUDO (2006) e MUNDURUKU (2005) e agregaram a essas narrativas canções indígenas registradas na obra de (MIRANDA, 1995). A partir daí, integraram a experiência estética sensorial da escuta e narração dessas histórias e canções à valorização da cultura indígena, bem como desenvolveram práticas narrativas e musicais, envolvendo etnias diversas, em espaços etnoformativos (MACEDO, 2013, p. 147). A experiência da Mostra Performática foi assistida por estudantes e professores da Educação Básica e de várias licenciaturas da Universidade, como também, os processos formativos desta experiência foram abordados e discutidos através de uma roda de conversa.

Palavras-chave: Literatura Oral; Histórias Indígenas; Ensino de Música.

Abstract: the purpose of this oral communication is to present an experience with the Oral Literature that involved students of diverse degrees and developed from the creation and implementation of the Performance Show entitled "The owners of the

earth: a told story ". This is the final product of EDU 925 Training of Storytellers, articulated between professors of the Department of Education and the Collegiate of Music. This curricular component aims to implement the foundations of the Art of Storytelling (MATOS, 2005) and introduce basic knowledge about spoken and sung voice. For this, in the academic semester 2017.1, took as motto the universe of Indigenous stories and the singing from diverse ethnic groups. The interdisciplinary experience also included the collaboration of alabês from candomblé terreiros that held workshops on beats and rhythms of the caboclos celebrations - intersection between indigenous and African cultures in these spaces - and expanded the students artistic and cultural repertoire. this experience sought to answer some questions: What is learned and what is taught when you listen and tell indigenous stories? And what can you learn when you sing and listen to indigenous songs? The students chose the repertoire from the retellings of LISPECTOR (2000), CASCUDO (2006) and MUNDURUKU (2005) and added to these narratives indigenous songs recorded in the work of MIRANDA (1995). From then on, they integrated a sensorial aesthetic experience of listening and narration of stories and songs to the appreciation of indigenous culture, as well as the practical narrative and musical practices, involving diverse ethnic groups in ethnoformative spaces. (MACEDO, 2013, p.147). The experience of the Performance Show was attended by students and teachers of Basic Education and from several degrees of the University, as well as the formative processes were addressed and discussed through a conversation circle.

Keywords: Oral Literature; Indigenous Histories; Teaching Music.

Introdução

É possível estereótipos dos estudantes de Licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) sobre a cultura indígena? A partir de uma experiência estética sensorial de escuta e narração dessas histórias é possível valorizar as relações étnico-raciais na universidade? Como oportunizar a aproximação com a arte, a partir da música indígena, na formação inicial de professores? Como desenvolver saberes pedagógicos musicais envolvendo a matriz indígena em uma Licenciatura específica de música? Tais inquietações perpassam tanto pela formação inicial como pela atuação de professores no contexto da educação básica e emergem daí duas questões significativas, quais sejam: 1) diversidade cultural e as relações étnico-raciais intrínsecas; 2) a presença das artes na escola.

Tais questões estão presentes em políticas públicas e expressas nas Leis 11.645/2008, 13.278/2016, e na medida provisória 746/2016, que sinalizam para a responsabilidade das instituições de ensino superior de contribuir para a efetivação das mesmas ao propor reflexões, discussões e ações que possam ser refletidas na formação de crianças e jovens no contexto escolar. Aos cursos de licenciatura, questões referentes à diversidade cultural e as relações étnico-raciais intrínsecas e a presença das artes devem ser incorporadas em suas práticas formativas ao desenvolver desde ações afirmativas a vivências na/pela arte.

De fato, essas leis são um grande avanço no sentido de reconhecer e valorizar a diversidade cultural, mas sua aplicação ainda é alvo de muitas incertezas: como desenvolver, na prática, ações pedagógicas afirmativas na universidade? Em cursos específicos de formação inicial de professores? Como abordar mitologias e práticas musicais discriminadas socialmente? Como lidar com os próprios preconceitos discentes? Com o objetivo de apresentar uma experiência pedagógica, envolvendo cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), o presente artigo discorre sobre alguns aspectos investigativos que foram surgindo no processo de construção de uma mostra performática interdisciplinar a partir da temática Narrativas de Tradição Indígenas.

Inicialmente serão apresentadas algumas questões legais envolvendo relações étnico-raciais e a presença das artes no contexto escolar, seguida das considerações da condução pedagógica de cada componente curricular envolvido. Em se tratando de uma experiência desenvolvida em caráter interdisciplinar, essas considerações se fazem necessárias para promover o entendimento das ações pedagógicas adotadas, refletidas mais adiante, no tópico posterior que descreve o processo de construção da mostra performática. Nas considerações finais, busca-se responder às inquietações apresentadas ao longo do artigo.

Experiência Interdisciplinar entre Literatura Oral e Música através das Narrativas de Tradição Indígena

O contador de histórias, em seu ofício, apresenta, através de suas narrativas, posicionamentos a favor da cidadania – a exemplo do respeito pelos direitos humanos, pelas questões de gênero e pela diversidade, que tanto demarcam a luta das minorias – e faz isso porque tem como matéria-prima a sabedoria ancestral, que se baliza pela justiça.

As narrativas orais integram, socializam, aproximam os diferentes. Por isso, é importante que a função de professor coexista com a de contador de histórias. Quando revestido de contador de histórias, com verdades herdadas de seu repertório de contos e de posse das qualidades estéticas da arte da contação, o professor tem condições de interagir com o outro em seus processos de narração e de escuta de si. Professor e contador de histórias desenvolvem seu ofício de gente para gente, com gente – as pessoas com quem necessariamente têm de interagir para fazer circular informações e saberes, produzir conhecimentos e constituir valores.

Um professor envolvido com narrativas, como acontece com o contador de histórias, inclina-se a desenvolver também disposição para a “dimensão educativa da palavra” (MATOS, 2005), o que ultrapassa o espaço da escola e se coaduna com a função social da educação prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96):

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sabemos que, nas sociedades de tradição oral, os contadores de histórias fazem uso da palavra em sua dimensão educativa. E fazem isso através da oralidade, reconhecida por eles como o principal veículo de transmissão de saberes. Hoje, porém, o contador de histórias tem consciência de que o sujeito já nasce imerso na sociedade da

escrita, influenciado por uma oralidade secundária, na expressão de Ong (1998), fortemente demarcada por suportes tecnológicos que difundem voz e imagem em dimensões diversas. Eis aí o desafio de quem tem a pretensão de educar através das histórias. Nesse sentido, um professor, quando é também um contador de histórias – tomado pelo desejo e vontade de querer revelar sua condição de narrador, “uma vocação”, na perspectiva de Rubira (2006) –, habilita-se para alcançar essa dimensão educativa da palavra:

Falamos de uma vocação não no sentido de se ter um dom dado pronto e acabado que, portanto, dispensa qualquer esforço para que se usufrua dele, mas no sentido mesmo de um chamamento (*vox anima*), ao qual não se pode ignorar porque ele grita em nós, clama por nós, reclamando-nos uma ação. Há de se ter dentro de si uma grande vontade de se comunicar com o outro, de partilhar ações comuns que resultem no aprendizado, no ensinamento desse outro. (RUBIRA, 2006, p. 18)

Professores e contadores de histórias são guardiões da palavra e, quando se misturam, constroem, através das narrativas, um movimento de fala e escuta entre os seus interlocutores – seus alunos. Quando descobrem quem é o contador de histórias que mora em si, fazem-se portadores de toda sorte de gestos culturais e palavras. O professor e o contador se aproximam da essência do narrador ancestral que habita em cada um. Através da memória afetiva, eles vão revelando as histórias fundantes que lhes marcaram a vida e revelam o seu gosto pelas narrativas. E, para isso, não há receitas nem fórmulas, tampouco um jeito milagroso que provoque esse híbrido. O que há é um caminho metodológico composto por modos de narrar que saíram dos livros de outros contadores de histórias, é o repertório e a performance de contadores que se apresentam em espaços diversos, é o processo de descoberta desse narrador que mora em cada um na sua ancestralidade, o que se revela através de um estilo pessoal que provoca e visibiliza potencialidades encobertas.

Educar alguém é introduzi-lo, inicia-lo numa certa categoria de atividades que se considera como dotadas de valor [...], não no sentido de um valor instrumental, de um valor como meio de alcançar uma outra coisa (tal como o êxito social), mas de um valor intrínseco [...] Ou ainda é favorecer nele o desenvolvimento de capacidades e de atitudes que se consideram como desejáveis por si mesmas, é conduzi-lo a um grau superior [...] de realização. (FORQUIN, 1993, p. 65)

Assim como o contador de histórias educa através das histórias e da relação que elas constituem com seus ouvintes, o professor também educa através da relação pedagógica estabelecida com seus alunos. Partindo dessa premissa, desenvolvemos, através do componente curricular “EDU 925 – Formação de Contadores de Histórias: Conta Comigo!”, procedimentos que se colocaram no território do ensino e da contação de histórias e desencadearam em nós o desejo de educar na perspectiva aqui descrita por Forquim (1993).

O caminho metodológico aqui delineado para estruturar a oferta de EDU 925, em caráter optativo, no primeiro semestre de 2017 foi planejado a muitas mãos, mais diretamente pelas professoras Santos e Braga. A primeira, responsável pela formação dos contadores de histórias (teoria e prática) e a segunda, responsável para a construção performática e pelo repertório cantado em línguas de etnias indígenas diversas, retirado da obra de Marluí Miranda (*Ilhu todos os sons*, 1995), que deram sustentação as histórias contadas pelo grupo. Além delas, o professor Aaron Lopes, responsável pela

disciplina “LET 644 – Etnomusicologia” - assumiu o trabalho percussivo que deu origem a boa parte da trilha sonora que sustentou o produto final dessas disciplinas, a Mostra Performática - Os Donos da Terra: uma História Contada.

Enquanto que o primeiro componente propôs a formação de contadores de história articulada a formação inicial de professores, o segundo oportunizou a articulação desta formação com a Literatura Oral Indígena, através da música. Depois que encontraram estes aspectos de interdisciplinaridade os professores convidaram outros profissionais para fazerem parte do corpo docente, para ministrarem oficinas que trabalhassem fundamentos importantes para a composição da Mostra: três alabês que vieram falar sobre os toques sacros do candomblé nas cerimônias de caboclo e dois estudantes indígenas que fizeram uma oficina sobre as práticas musicais do Povo Pankararu.



Figura 1: Oficina de Toques Sacros



Figura 2: Oficina de Práticas Musicais Pankararu

Os estudantes também realizaram uma viagem de campo a espaços etnoformativos como o Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA, a Associação Nacional de Ações Indigenistas (ANAI) e ao Solar do Ferrão, onde uma exposição de instrumentos musicais estava acontecendo.



Figura 3: Visita ao Museu



Figura 4: Visita a ANAI

Os estudantes perceberam com essas atividades que tão importante quanto a imersão na Literatura Oral foi também compreender que nas culturas indígenas não há uma fragmentação entre as manifestações artísticas, todas estão integradas, sendo a dança, a música, as artes visuais e a encenação, elementos indissociáveis.



Figura 5: Visita ao Solar do Ferrão



Figura 6: Visita dos Kiriris

Por fim, a oficina de canto coletivo por meio do uso da voz falada e cantada, oportunizou a compreensão da voz não apenas para a arte de contar histórias, mas como uma ferramenta em potencial para a atuação docente. Para tanto, a proposta perpassou por conhecimentos teóricos acerca da fisiologia vocal, emissão vocal, funcionamento e tipos de respiração a conhecimentos práticos por meio da experimentação vocal coletiva.

Essas oficinas trouxeram oportunidades em que foi possível visibilizar elementos para compreensão das relações entre o professor e o contador de histórias e o tipo de educação gerado pelo fazer híbrido desses ofícios pela via das narrativas de tradição oral, em diálogo com artes como a dança, o teatro e a música. A narrativa tem o poder de ensinar, seja diretamente, como é o caso das fábulas e a moral que elas encerram, seja de maneira subliminar. Através delas, são reveladas questões culturais, que denotam o modo de pensar de um povo, e questões étnicas relativas às raízes que sustentam a formação de qualquer indivíduo. E foi pensando nos ensinamentos que poderíamos extrair das narrativas oriundas do nosso legado indígena que selecionamos um repertório de histórias registradas em dois livros: LISPECTOR (2000), CASCUDO (2006) e MUNDURUKU (2005) e agregaram a essas narrativas canções indígenas registradas na obra de (MIRANDA, 1995).

Os Donos da Terra: Histórias Contadas - processo de construção

As músicas cantadas somadas as histórias e as atividades percussivas, serviram de impulsores para a construção performática. Esta foi proposta a partir de um roteiro ao qual costurou histórias da tradição oral recontadas por autores diversos, sonoplastias, músicas e toques rítmicos específicos para realização dos Torés.

Apesar de inicialmente o roteiro ter sido pensado pelas professoras responsáveis do componente EDU 925, este foi sofrendo alterações a partir das intervenções dos estudantes participantes. As intervenções não se limitaram ao roteiro, mas foram extensivas ao cenário, figurino, elementos cênicos, movimentos corporais inseridos nas cenas e danças, além da música presente na mostra.

Algumas músicas cantadas sofreram ajustes nos arranjos vocais para favorecer a concepção performática, a exemplo do suprimento da divisão de vozes em alguns trechos, assim como as concepções dos acompanhamentos instrumentais com a participação dos solistas das canções executadas.



Figura 6: Cartaz de Divulgação

Após estas interferências, o roteiro na versão final teve início com uma roda de Toré, com o intuito de aproximar o público dessa mitologia. Após esta introdução, os estudantes executaram canções instrumentais com flautas doces, todas retiradas do livro de Miranda (1995), fazendo referência a cultura indígena. Além desta música foram executadas Jú-Paraná, Araruna, Lua Lua, os Torés de entrada e saída e as canções que compunham as próprias histórias.

A partir das histórias da Yara, da Princesa de Jericoacoara, o Pássaro da Sorte, a Cobra Honorato, os Tatus Brancos, o Uirapuru, o Boto Rosa, entre outras, narradas por estudantes disponibilizados em trios ou quartetos foi apresentado o universo literário de algumas nações indígenas. Entre as histórias foram intercaladas sonoplastias remetendo ao som da chuva, floresta, reproduzidos pelo corpo, além de toques percussivos executados também por instrumentos harmônicos e de percussão. Também foram explorados movimentos corporais em que os estudantes faziam uso de todo o palco.



Figura 7: Participantes da Mostra Donos da Terra: Histórias Contadas

Vale ressaltar, que grande parte do público foi composto por professores e estudantes da Educação Básica, além de bolsistas de iniciação a docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (Pibid) de vários cursos da UEFS. Após a mostra, foi promovida uma roda de conversa com estes sujeitos para oportunizar um momento de discussão e a troca de ideias sobre a temática, seus processos de construção, possibilidades de inserção na educação básica e da realização de trabalho colaborativo na universidade, no âmbito da UEFS, sobretudo, entre os Colegiados dos cursos de Música e de Pedagogia.



Figura 8: Participantes da Mostra



Figura 9: Roda de conversa

Resultados e Considerações Finais

Como resultado alcançado nota-se que é possível desenvolver uma formação inicial de professores articulada a questões referentes a artes e a cultura indígena e que, conseqüentemente, contemplem relações étnico-raciais, através da contação de histórias e da prática musical.

Da contação de histórias, ficou claro a partir das oficinas que, assim como aprende a narrar com a ajuda das potencialidades e características que tem – responsáveis pela construção de um estilo –, também cada criança, jovem ou adulto encontra um jeito próprio de construir seus processos de aprendizagem. E eis a proposta de educação onde se sustenta a palavra educativa do contador de histórias:

Numa proposta de educação ampla – e por ampla entendemos, como Costa[1], uma educação interdimensional, ou seja, na qual as diversas dimensões constitutivas do ser humano, a saber: o *lógos* (razão), o *páthos* (sentimento), o *éros* (corporeidade) e o *mythos* (espiritualidade), sejam trabalhadas de forma equilibrada e harmônica –, a “palavra” do contador tem lugar garantido (MATOS, 2005, p. 140).

Mesmo se localizando no universo das artes cênicas, a arte de contar histórias vem, no nosso entendimento, ocupando o espaço de quem se preocupa em educar com arte. Isso porque, na arte da contação, o profissional da educação, em especial o professor, é convidado a expandir um conhecimento interdisciplinar e observar a realidade à sua volta com a sensibilidade de quem faz cultura. Através de histórias, as pessoas encontram lentes para enxergar com mais acuidade seu processo de autoconhecimento e de compreensão do momento histórico em que a sociedade se encontra. Para isso, os sujeitos desta pesquisa, 38 (trinta e oito) estudantes de Licenciatura, iniciantes na arte de contar histórias, compreenderam que precisam se portar como parceiros, aqueles que propiciam meios e torcem para que a criatividade do outro aflore, condições importantes para o estabelecimento de espaços de confiança

entre educadores em formação inicial, o que pode, na compreensão de Matos, “ajudá-los a sair do medo, do torpor e da confusão, para entrar em contato com o próprio processo criador.” (2005, p. 112).[2]

Matos (2005) associando a arte de contar histórias com a educação, na perspectiva da dimensão formativa, afirma que o desenvolvimento humano, seja ele razão, sentimento, corporeidade ou espiritualidade, se realiza através da arte de viver. Cita a expressão usada por Hampaté Bá “do berço ao sarcófago”, para expressar a ideia harmoniosa de “educação formativa”, que começa quando o indivíduo nasce e segue com ele até o final da vida.

Essa é a educação que desejamos para as nossas escolas de Educação Básica, espaço de atuação dos licenciados em formação, envolvidos com esta pesquisa. Trata-se de uma escola cuja proposta pedagógica adote, entre outras coisas, a cultura como um elemento iniciador do processo de ensino e aprendizagem.

Acreditamos que a história da formação de um contador de histórias começa antes mesmo que ele aguce o desejo de contar profissionalmente suas próprias narrativas, pela voz de muitos outros sujeitos que compartilharam com ele os momentos que passaram diante dos livros de literatura e das narrativas orais: pais, parentes, amigos, professores e colegas. Assim, o postulado de Bakhtin (apud Koch, 2011, p. 15-16) fez-se presente em todos os momentos de desenvolvimento da disciplina: “Eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade.”

A narrativa encena, dramatiza essa relação expressa por Bakhtin. Através dela, o sujeito é, ao mesmo tempo, projeção de si e do outro, porque nenhum discurso provém de um sujeito adâmico que, num gesto inaugural, emerge a cada vez que fala ou escreve, como fonte única do seu dizer. Segundo essa perspectiva, o conceito de subjetividade se desloca para um sujeito que se cinde porque é átomo, partícula de um corpo histórico-social no qual interage com outros discursos dos quais se apossa, ou diante dos quais se posiciona (ou é posicionado) para construir sua fala. Com essa certeza, o desenvolvimento das atividades, com a contação de histórias em sala de aula, foi pautado e sustentado na esperança de que se faça utopia o que diz Chiappini e Marques (1988, p.48): “é essa vivência do grupo que pode habilitá-lo para a descoberta do significado do texto (oral) e das relações sociais dentro e fora da escola”.

Isso, por certo, não dispensa quem trabalha com contação da construção de seu repertório de narrativas, de suas preferências, da condição de segurança para saber de onde partir para desenvolver uma proposta de formação pelo dialogismo: as personagens que deixaram suas marcas, os cenários que desafiaram o tempo e permaneceram intocáveis na memória, os enredos recontados e ressignificados com riqueza de detalhes – tudo isso, possivelmente, impactará os que estão em seu entorno, especialmente seus alunos. Para Bakhtin (2003, p.410):

... não há a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, [...] podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não

existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo.

No contexto dialógico em que os momentos de suspense de uma história aparecem sob forma de tristeza de uma personagem, a angústia de uma situação, o envolvimento acaba ocorrendo, de quem conta e de quem ouve, intensificando a experiência da narrativa e seus impactos no grupo. Essa experiência se deu muitas vezes durante a preparação das histórias a serem contadas na Mostra Performática, os alunos entenderam que precisavam olhar para o conto como quem olha para um corpo humano e, para fazer o coração desse conto bater forte, careciam de articular as emoções das personagens as suas próprias emoções, ora emprestando suas experiências para a narrativa, ora buscando na narrativa os sentidos necessários para empreender uma boa performance.

Para os estudantes envolvidos diretamente com as disciplinas o processo de aprendizagem é lúdico e permeado de emoções, especialmente porque mexe com a memória de afetos de cada um. Quando questionados sobre momentos marcantes vivenciados durante a disciplina alguns deles disseram:

Eu aprendi sobre a importância dos laços culturais que estão contidos no nosso subconsciente através dos nossos antepassados, e como é importante resgatar um pouco disso. Essa foi uma experiência marcante, desde o significado de cada nome através dos familiares até as pessoas que contribuíram e contribuem para o nosso desenvolvimento humano e social. (A1)

Tudo na disciplina foi muito bom, desde a convivência com os colegas, convidados e professores. Cada aula foi um aprendizado. Mas creio que o que me marcou foi a minha atuação dentro da sala de aula, nunca fui regente de sala, mas até o modo como falo com meus alunos... hoje é diferente. Quando trabalhamos na escola sobre culturas eu posso contribuir com a desconstrução de estereótipos e preconceitos. (A2)

Todos os momentos foram mágicos no decorrer dessa trajetória, as histórias compartilhadas tornaram-se especiais, mais vale a pena ressaltar o momento belíssimo da canção YU PARANÁ, que toca no íntimo da alma, cada momento foi único e inesquecível, aprendizado para vida inteira (A3)

Ficou claro a partir das oficinas que, assim como aprende a narrar com a ajuda das potencialidades e características que tem – responsáveis pela construção de um estilo –, também cada licenciando encontra um jeito próprio de construir seus processos de aprendizagem. E eis aí a proposta de educação onde se sustenta a palavra educativa do contador de histórias:

Numa proposta de educação ampla – e por ampla entendemos, como Costa, uma educação interdimensional, ou seja, na qual as diversas dimensões constitutivas do ser humano, a saber: o lógos (razão), o páthos (sentimento), o éros (corporeidade) e o mythos (espiritualidade), sejam trabalhadas de forma equilibrada e harmônica

–, a “palavra” do contador tem lugar garantido (MATOS, 2005, p. 140).

Matos (2005) associando a arte de contar histórias com a educação, na perspectiva da dimensão formativa, afirma que o desenvolvimento humano, seja ele razão, sentimento, corporeidade ou espiritualidade, se realiza através da arte de viver. Cita a expressão usada por Hampaté Bá “do berço ao sarcófago”, para expressar a ideia harmoniosa de “educação formativa”, que começa quando o indivíduo nasce e segue com ele até o final da vida.

Essa é a educação que desejamos para as nossas escolas de Educação Básica, espaço de atuação dos licenciados em formação, envolvidos com esta atividade interdisciplinar. Trata-se de uma escola cuja proposta pedagógica adote, entre outras coisas, a cultura como um elemento iniciador do processo de ensino e aprendizagem, já que ao provocarmos o grupo com o contato com a arte, por meio da contação de histórias, ampliada com o uso do corpo e da voz, através de vivências musicais, espera-se que a cultura impulse práticas pedagógicas em salas de aula da Educação Básica.

Referências

BÁ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: **HISTÓRIA geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.278**, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm>. Acesso em: 18 dez. 2016.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena”. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 17 dez. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas Brasileiras**. São Paulo: Editora Global, 2000.

CHIAPPINI, L. M. L.; MARQUES, R. M. H. Ao pé do texto na sala de aula. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, *Folha de São Paulo*, 29 jul. 2003, Suplemento Sinapse, nº 13.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, 205 p.

LISPECTOR, Clarice. **Como nasceram as estrelas:** doze lendas brasileiras. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

KOCH, Ingedore. V. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e autonomia pedagógica.** Petrópolis: Vozes, 2013.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias:** sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MIRANDA, Marlui. Livro e Catálogo... **IHU: todos os sons:** livros de partituras/Marlui Miranda. Tipo de Material: Livro. São Paulo: Terra, 1995.

MUNDURUKU, Daniel. **Antologia de Contos Indígenas de Ensino:** Tempo de Histórias. São Paulo: Salamandra, 2005.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

RUBIRA, Fabiana de Pontes. **Contar e ouvir estórias:** um diálogo de coração para coração acordando imagens. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: Argos, 2012.